

Militarização da Pátria de Chuteiras¹: os usos do futebol durante a Ditadura Militar brasileira (1964-1985)

Militarization of the Nation in football boots: the uses of football during the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985)

Pedro Luís Macedo Dalcol

Graduado em História (UEPG)

pedroluizmacedododalcol@gmail.com

Recebido: 24/07/2024

Aprovado: 28/07/2025

Resumo: Este artigo busca analisar a forma como o futebol foi utilizado, tanto como ferramenta política pelo governo, quanto como forma de oposição a Ditadura Militar (1964-1985).

Ao chegar ao poder, os militares promoveram diversas interferências dentro da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e da administração da Seleção Brasileira afim de utilizar o esporte como ferramenta política do regime. Cargos foram cedidos à militares, técnicos foram mudados e até mesmo jogadores foram convocados a mando do governo.

O caso da Ditadura Militar é apenas mais um dos inúmeros momentos onde o futebol desempenhou um papel central na política nacional, evidenciando seu poder de mobilização social. O foco da pesquisa é entender de que forma futebol e política se entrelaçam neste contexto de repressão e autoritarismo.

Palavras-chave: futebol, ditadura militar, cultura de massa.

Abstract: This article investigates the way football was used both as a political tool by the government and as a form of opposition to the Brazilian Military Dictatorship (1964–1985).

Upon reaching the power, the military promoted many interferences within the Brazilian Sports Confederation (CBD) and the administration of the Brazilian national team to use the sport as a political tool for the regime. Positions were given to military personnel, coaches were changed and even the roster of players were influenced by the government.

The case of the Military Dictatorship is just one of the countless moments where football played a central role in national politics, highlighting its power of social mobilization. The focus of the research is to understand how football and politics intertwine in this context of repression and authoritarianism.

Keywords: football, military dictatorship, mass culture.

¹ A expressão “Pátria de Chuteiras” foi cunhada pelo dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, que usava o termo para destacar o papel do futebol na construção da identidade nacional brasileira.

Introdução

Não faltam no Brasil exemplos de como o futebol foi utilizado em contextos políticos. Seja em momentos autoritários ou democráticos, o esporte se mostrou uma importante ferramenta política que possibilita um contato rápido e eficaz entre governo e população através de uma de suas maiores paixões.

O esporte britânico que chegou ao país ao fim do século XIX e se espalhou rapidamente através de imigrantes ingleses que vieram ao país, mesmo que em um primeiro momento tenha se limitado à aristocracia, assim como em seu país de origem, o futebol não tardou a ser apropriado pela classe trabalhadora em um contexto de industrialização e urbanização.

[...] o processo de metropolização de algumas cidades, que fez do futebol um esporte especial, pois cumpria o papel de adaptar a população urbana ao ritmo industrial que se impunha; o aparecimento e a expansão da radiodifusão, que permitiu o futebol chegar a mais pessoas e a lugares mais distantes; além das transformações na imprensa esportiva escrita, que aproximou ainda mais os torcedores do futebol (Negreiros, 1997, p. 1).

Assim como ocorreu na Inglaterra, os brasileiros passam a encontrar nos times de futebol, que começariam a surgir por todo o país, assim como na própria prática do esporte, elementos identitários que os definem como sujeito, além de acostumar seu torcedor ao ritmo urbano característico da modernidade.

Mais que torcer para determinado clube, o mesmo passa a ser uma importante característica identitária que define o sujeito em seu meio social. A identificação com os clubes perpassa diversos fatores como classe, religião, localidade e valores. Criando ritos e simbolismos autônomos dentro do espaço delimitado do campo de futebol. O time para qual o indivíduo torce, cada vez mais se torna uma representação de quem este mesmo indivíduo é perante a sociedade em que ele vive.

E não apenas da criação de identidades locais, através dos clubes, a história do futebol foi definida. Além disso, com o advento de campeonatos globais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, a criação de uma identidade nacional, que nasce junto com as seleções de futebol e as instituições que as englobavam no começo do século XX, passaria a surgir.

[...] com a propagação de entidades futebolísticas em todo o mundo e a realização de disputas internacionais entre as seleções, o futebol foi percebido por seus dirigentes e por políticos como uma forma de impulsionar relações diplomáticas [...] importante

destacar que Brasil e Argentina também tiveram atuações nesse sentido. Por exemplo, em 1904, durante uma partida entre as duas seleções, o então presidente argentino, Julio Argentino Roca, compareceu ao vestiário de sua seleção no intervalo para pedir moderação no placar: a vitória por três a zero, era suficiente, uma diferença maior poderia afetar a boa relação entre os dois países naquele momento (Magalhães, 2014, p. 23).

A criação destas entidades causou na população de seus países, um gigantesco sentimento identitário, com a construção de uma identidade nacional baseada no esporte. Mais que uma representação popular, o futebol passa a ser uma forma de expressão autônoma que deslumbra um modelo nacionalista através do esporte:

O futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. Em outras palavras, o futebol constituir-se-ia, por um lado, numa imagem da sociedade brasileira e, por outro, num exemplo que daria a ela um modelo para se expressar. (Daolio, 2000, p. 25)

O futebol, então, se tornaria uma importante ferramenta dentro da sociedade, estabelecendo uma grande relação com a população de modo geral. Nesse contexto, a política não tardou a deslumbrar naquele fenômeno, uma grande oportunidade de chegar na população através desse recente e poderoso elemento cultural que mobilizava milhões de pessoas através da cultura de massas.

O esporte assumiu o papel de propagador dos anseios nacionais quanto ao desenvolvimento organizado e disciplinado da nação. As projeções estatais sobre o setor esportivo direcionavam-se para duas direções principais: em um rumo, assumia o discurso higienista de domesticação e disciplinarização da população por meio do controle e manutenção saudável dos movimentos corporais; por outro, fortaleceria a imagem do Estado, vinculando-a aos sucessos esportivos. (Marczal, 2011, p. 32)

Da formação à militarização da Pátria de Chuteiras

Mesmo que tenham existido intervenções esporádicas desde o final do século XIX, foi a partir das décadas de 1930 e 1940 que o governo brasileiro passou a ter um papel fundamental para o incentivo e para a evolução do futebol no país. No contexto do primeiro governo de Getúlio Vargas, o futebol foi utilizado na construção de um modelo nacional. Os jogos passam a ser transmitidos nas rádios, o presidente recebia os jogadores da seleção antes de viagens importantes e diversos estádios foram criados. Os meios de comunicação tiveram um papel fundamental na criação de um sentimento

nacional em relação à Seleção Brasileira que era apresentada como uma representação do próprio povo brasileiro que era mostrada para o exterior.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, que impossibilitou a realização das copas de 1942 e 1946, o Brasil foi confirmado como sede da Copa do Mundo de 1950. Nesse contexto, em apenas dois anos foi construído o maior estádio do mundo na época, o chamado Estádio Jornalista Mário Filho², conhecido popularmente como Maracanã. Nessa ocasião, o país sede tinha uma grande esperança de que o tão sonhado título mundial viria e a tão cobiçada taça Jules Rimet seria erguida pela seleção em solo brasileiro.

Com a chegada do Brasil na final do campeonato, a confiança na vitória da seleção contra o Uruguai em pleno Maracanã lotado, com cerca de 200 mil pessoas, era gigantesca. O final, contudo, não foi o esperado, o Brasil perdeu para o Uruguai em casa e na presença de sua própria torcida. O trauma da derrota, no entanto, não acabou com o sonho do primeiro título, muito pelo contrário, se criou a partir disso, na vontade de se reerguer e se estruturar, um apoio ainda mais forte, e a Seleção Brasileira mostrava cada vez mais como um dos pilares da nacionalidade e da cultura brasileira.

Com as derrotas nas Copas de 1950 e posteriormente a de 1954, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), atual CBF, passaria por uma reestruturação que tinha como principal objetivo ganhar a Copa do Mundo, demonstrar a capacidade da seleção, e se projetar como uma potência dentro do futebol internacional. O principal nome dessa reestruturação foi João Havelange:

A ideia, encampada pela nova presidência da CBD, era dotar o selecionado brasileiro de todo um conjunto de forças auxiliares que pudesse promover a superação de suas tradicionais deficiências. Para vencer era necessário organizar-se, programar-se estrategicamente e curar mazelas físicas, morais e psicológicas. Encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e ao progresso. (Sarmento, 2006, P. 97)

A estratégia de João Havelange deu certo, e garantiu à Seleção Brasileira seu primeiro título em 1958 e seu bicampeonato logo depois em 1962. A vitória da seleção nas duas copas, colocaram o país

² Nome dado em homenagem ao escritor e jornalista Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, e organizador de uma popular campanha que defendia a criação de um estádio que abrigasse pelo menos 150 mil pessoas.

em uma posição de destaque no cenário esportivo mundial, o que, naturalmente, foi utilizado na política.

Nos eventos seguintes, em ditaduras ou em períodos de forte crise política e social, ambos os países (Brasil e Argentina) vão enxergar a vitória esportiva com outros olhos. O contexto mudava, assim como o significado de erguer a taça, cada vez mais uma prova de superioridades que um troféu esportivo. Em sua interpretação para estar na elite mundial, era preciso atingir a elite esportiva, a taça da FIFA se tornava uma obsessão. (Magalhães, 2014, p. 46)

Assim, quando os militares chegaram ao poder, em razão do golpe civil-militar de 1964, o Brasil se encontrava no topo do futebol mundial, tendo vencido duas das últimas três Copas do Mundo. O governo militar não tardou a apropriar-se do futebol em seu discurso, principalmente a partir do governo de Emílio Garrastazu Médici.

Dessa maneira, o regime tentava aproximar o povo brasileiro ao governo, utilizando esse grande fator de influência no imaginário popular, promovendo um paralelo entre os atletas da Seleção Brasileira e a população em si. Em outras palavras, o estabelecimento do “ser brasileiro” através do futebol em seu momento de maior relevância no cenário esportivo internacional. Médici era frequentador de estádios pelo Brasil, falava de futebol em seus discursos e se definia como mais um brasileiro apaixonado pelo esporte.

Com a chegada do ano da Copa do Mundo do México em 1970, que daria ao Brasil novamente a chance de garantir a posse definitiva da taça Jules Rimet, que foi prometida pela FIFA ao primeiro país que a conquistasse 3 vezes, Médici não tardou a utilizar do evento em seus discursos oficiais para o povo.

Em 25 de janeiro de 1970, em discurso na Praça do Povo acerca da comemoração do aniversário da fundação da cidade de São Paulo, o militar fez questão de enaltecer seus esforços para a transmissão televisiva da copa: “Solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão, meu governo se empenhou para que trouxéssemos o México à plateia de todos os lares do Brasil.” (Brasil, 1970).

Quando a Seleção Brasileira se consagrou campeã daquela edição da competição, em uma vitória de 4 a 1 sobre a Itália no dia 21 de junho, Médici deixaria clara sua tentativa de vincular a conquista da seleção ao ideal do cidadão brasileiro, quando diz: "Neste momento de vitória, trago ao

povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro!" (Brasil, 1970).

A relação de Médici com a Seleção Brasileira e com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), não ficou apenas no discurso, pois o presidente, e seu governo, interferiram diretamente tanto na comissão técnica quanto nas convocações de jogadores.

Um dos casos mais emblemáticos foi a demissão do técnico João Saldanha, que treinou a seleção durante as eliminatórias para a Copa do Mundo em 1970. Embora o próprio presidente da CBD à época, João Havelange, tenha dito que a decisão ocorreu pelo temperamento do treinador e de que não teria ocorrido nenhum motivo político, Saldanha afirmaria ter sido demitido pela sua vinculação com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e por não ter acatado as interferências que Médici queria implementar na seleção, em especial, o pedido para que certos jogadores escolhidos pelo presidente fossem convocados.

A demissão de Saldanha é rodeada de polêmicas e até hoje é debatida. Muitos argumentam o caráter político dessa decisão, contudo diversas outras questões aparecem no debate como o suposto comportamento agressivo do treinador e diversas falas polêmicas do mesmo como, por exemplo, quando disse que Pelé estaria com problemas na visão, ocasião que levou o técnico a escrever uma carta aberta na revista *Placar*, onde comentava sobre como o médico da seleção, Lídio Toledo, havia escondido uma suposta miopia de Pelé.

Em outra ocasião, perguntado por um jornalista gaúcho acerca de uma suposta declaração de Médici pedindo a convocação do jogador Dadá Maravilha em 3 de março de 1970, Saldanha afirmou:

"Eu e o presidente, ou o presidente e eu, temos muitas coisas em comum. Somos gaúchos. Somos gremistas. Gostamos de futebol. E nem eu escalo ministério e nem o presidente escala time. Você está vendo que nós nos entendemos muito bem" (Gallas, 2021).

Nesse contexto de interferência estatal nos assuntos referentes a CBD e a seleção, Havelange enxerga a necessidade de agradar o governo para seguir com seus planos na entidade. Com isso, transforma a seleção em um objeto de propaganda, organizando amistosos, aparições públicas e eventos.

No contexto da Copa do Mundo de 1970, parte da mídia tradicional buscava vincular as conquistas da seleção ao regime, tentando associar as vitórias no esporte ao governo. Transformando o futebol em um verdadeiro símbolo através do imaginário coletivo. Em matéria publicada pela revista *Veja* após a conquista da Copa do Mundo, se lê:

Um dos momentos mais emblemáticos da vitória foi a abertura dos portões do palácio da Alvorada pelo presidente Médici, deixando a população entrar e participar da festa da conquista: “Mas os aplausos do presidente tinham também outro significado: o povo o reconhecia e aceitava como cabeça e símbolo da imensa e exaltada torcida em que o país inteiro havia se transformado” (Veja, 1970).

Dessa forma, a mídia teria um papel central na aproximação do futebol pelo governo, criando uma narrativa popular utilizando o esporte como forma de adesão social:

Sob esta perspectiva volta-se à atenção para investigação do futebol a partir de determinada documentação periódica, tendo em vista sua dupla função. De um lado, como um dos principais canais de veiculação das notícias políticas e esportivas junto à população, de outro, como sujeito atuante no espaço político e social, divulgador de ideias e formador de opiniões (Marczal, 2011, p. 48).

A propaganda estatal durante a ditadura era organizada pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) e seu objetivo principal era coordenar a comunicação entre o regime e a sociedade civil. No governo de Médici, a organização buscava especialmente vender noções de cidadania, apontando “boas ações” dos militares e alertando sobre supostas ameaças a serem combatidas. (Magalhães, 2014)

O uso do futebol na formação discursiva do regime fica cada vez mais nítida, principalmente após a conquista da Copa do Mundo de 1970. A comoção pública pela mesma foi rapidamente apropriada pelo governo, se mostrando como uma forma de legitimar o governo aos olhos da população. A mídia, em parte conivente ao regime³, celebrava a conquista atribuindo ao governo. Contudo, assim como no futebol, a política é disputada por mais de um lado e, do outro lado do campo, a oposição firmava suas estratégias que também abrangiam o futebol.

Contra-ataque

³ Sobre o papel ambivalente da imprensa durante a Ditadura Militar, é importante entender que, ao mesmo tempo em que parte da mídia tradicional fosse conivente ao regime, a imprensa teve um papel central na resistência, para mais ver: Gaspari (2002). Também vale consultar: Ferreira; Delgado (2003).

Era 21 de julho de 1970, 107 mil pessoas acompanhavam diretamente do Estádio Azteca na Cidade do México, a tão aguardada final da Copa do Mundo protagonizada por duas seleções bicampeãs, A Itália que já havia levantado a taça em 1934 e 1938 e o Brasil, que vencera as edições de 1958 e 1962. O mundo esperava atentamente para descobrir quem seria a primeira seleção tricampeã mundial, título que resultaria na posse definitiva da taça Jules Rimet.

Enquanto isso, distante da capital mexicana, a população brasileira se encontrava grudada aos aparelhos de rádio e aos televisores que pela primeira vez, através de uma cadeia de transmissão que unia os canais Tupi, rede Globo, Record e Bandeirantes, transmitiam os jogos da seleção ao vivo, levando a final para a casa de milhões de brasileiros.

Aos 41 minutos do segundo tempo, Clodoaldo dribla quatro italianos no campo de defesa, para o delírio do narrado Fernando Solera que diz: “Olha aí o show! É dessa maneira que se ganha a Copa”. Clodoaldo toca para Rivelino, que aciona Jairzinho, que por sua vez, entrega a bola para Pelé. De costas para o gol e de frente para o Rei, Tostão estendeu o braço esquerdo apontando para a chegada de Carlos Alberto, que soltou uma bomba: “O melhor futebol do mundo no barbante deles! Acabou a Copa”, decretou Solera ao som da famosa marchinha “pra frente Brasil”⁴.

Nesse momento, à uma distância de cerca de sete mil quilómetros do estádio da capital, Cidade do México, um grupo fictício também acompanhava a conquista brasileira:

RIBA
 (Vibra.) Gol!
 TÂNIA
 Gol de quem?
 RIBA
 Do Brasil! Carlos Alberto. E é o quarto! Quatro a um Brasil!
 CARLÃO
 (Irritado.) Desliga essa merda!
 A gente sequestra o Embaixador americano, faz o mundo inteiro se voltar para essa bosta de país, e o país, 90 milhões de pessoas grudadas nos rádios e nas televisões, acompanhando o futebol. Porra, será que esse povo merece o que tamos fazendo por ele? Tou arriscando a minha vida por um povo alienado, que só pensa em futebol. Puta que pariu!
 TÂNIA
 O povo não tem culpa.
 RIBA
 E não tem nada uma coisa com a outra. Eu não sou alienado e gosto de futebol. Sei que os milicos vão capitalizar essa vitória, mas não consigo deixar de vibrar.

⁴ Marcos Napolitano (2015) observa que a canção ‘Pra Frente Brasil’ foi promovida como um verdadeiro hino nacional pelo regime militar, utilizada para alimentar um sentimento de unidade, orgulho e mobilização coletiva em torno da conquista da Copa de 1970. Ao mesmo tempo, lemas como ‘Brasil: Ame-o ou deixe-o’ e ‘Este é um país que vai pra frente!’ passaram a compor o repertório simbólico oficial, reforçando discursos de legitimidade e conformismo político.

CARLÃO

Porque você é um pequeno-burguês de merda (Gomes, 1980).

O trecho retirado da peça Campeões do Mundo, de Dias Gomes, publicada em 1979, narra a história de um grupo de opositores que sequestram, às vésperas da final da Copa do Mundo, um embaixador norte-americano como forma de exigir a liberação de presos políticos.

A peça tem como foco discutir de que forma o futebol simbolizou um grande dilema na oposição à Ditadura Militar. Nessa discussão, acima apresentada, membros desse grupo de militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), na época atuando exclusivamente de forma clandestina, debatem sobre o direito ou não da oposição em torcer para a Seleção Brasileira. Tal debate, não se limitou à ficção e foi um importante dilema na esquerda brasileira na época do regime:

No ambiente de confronto do regime militar, o futebol foi visto pela esquerda como nocivo, porque, segundo sua concepção, reprime o conflito de classes, docilizando o trabalhador em relação a seu patrão a cada vitória de seu time, e mistifica a realidade, pois reduz a compreensão das condições materiais e sociais. O esporte de massa integra assim a estratégia das classes dominantes para “reproduzir a dominação em dimensões mais sublimadas, com um jeito mais suave” (Guterman, 2006);

Com tudo isso em jogo, a oposição entra no debate sobre o uso (ou a falta do uso) do futebol pelos militares. Se os militares estão apropriando-se do futebol, poderia a oposição continuar torcendo e acompanhando os jogos, em especial da Seleção Brasileira? Juca Kfouri, jornalista esportivo que na época da Copa do Mundo de 1970 trabalhava na editora *Abril* e que chegou a ser preso em 1971 após livros considerados “subversivos” terem sido encontrados em seu apartamento, relata que:

[Ver] a Copa do Mundo era se alienar, torcer pelo Brasil era reforçar a ditadura, e eu tinha uma luta enorme entre os meus colegas e de meus amigos, para mostrar que não, que a ditadura não era dona do futebol, que a ditadura não podia ser dona de nossos sentimentos, que eu continuava me emocionando com o hino nacional, pois o hino nacional não era da ditadura, o hino nacional era do Brasil e que a gente não podia permitir que a ditadura nos roubasse até isso (Bate Bola Memória FC, 2023).

Tal dilema, vale ressaltar, não se limita ao período da Ditadura Militar e está presente em um longo debate teórico sobre o papel do futebol na sociedade e suas relações econômicas e culturais, como argumenta o antropólogo Roberto DaMatta:

No caso do futebol e no caso da sociedade brasileira, postula-se frequentemente uma relação de mistificação entre os dois termos. O futebol é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio do econômico é sua base. Como se futebol e economia fossem realidades exógenas, que pudessem existir em isolamento da sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos (DaMatta, 1982, p. 12-13).

O autor defende que o equívoco de encarar o futebol como uma forma de desviar a atenção do povo dos assuntos realmente importantes, pressupõe a separação do esporte em relação à sociedade, criando uma falsa dicotomia entre esses dois conceitos.

Além disso, para Jocimar Daolio, a concepção do futebol como “ópio do povo”, seria uma forma de desvalorizar a importância do futebol para a sociedade, diminuindo o esporte a algo desprovido de valor, algo que o autor vê como uma “visão utilitarista da sociologia”, evidenciando que esse debate não se resume ao campo historiográfico:

Essa visão foi difundida por alguns militantes de esquerda, com algum sucesso na época da campanha da seleção brasileira de futebol em busca do tricampeonato mundial no México, em 1970. Como todos se lembram, o Brasil passava na época por um período de ditadura, repressão e censura; e consideravam algumas facções políticas, com alguma razão, que uma vitória brasileira seria utilizada pelos militares para divulgar o sistema político vigente, ocultando da grande massa os reais problemas existentes no país. Este fato pode, em alguma medida, ter acontecido, mas não é possível concluir daí que o “futebol é o ópio do povo”. Damatta et al. (1982) advertem que esse ponto de vista contribui para a compreensão do futebol como desvinculado da sociedade, ou seja, futebol e sociedade encontrar-se-iam em oposição, como se o primeiro fosse prejudicial ao segundo (Daolio, 2003, p. 158).

Daolio também reitera como o futebol é uma representação da sociedade brasileira como um todo, não podendo ser definido por um conceito homogêneo:

Com todas as contradições possíveis, o futebol brasileiro é uma forma de cidadania. Nesse sentido, ele não é bom nem mau, certo ou errado, expressão generosa do povo brasileiro ou seu ópio. Constitui-se numa forma do homem brasileiro expressar-se. É, portanto, dinâmico, por refletir a própria sociedade brasileira (Daolio, 2000, p. 36).

Outros autores, como Reis e Escher (2006, p. 29), ainda dizem que tal visão do esporte, sendo um mero reproduutor do sistema capitalista, significaria dizer que ele atende, exclusivamente, aos interesses da classe dominante, retirando do esporte todo seu caráter popular e identitário.

Mesmo com essas críticas em relação a essa visão do futebol - como forma de distrair o povo dos problemas sociais vigentes na sociedade- temos exemplos na história de como isso aconteceu, o que não quer dizer, por outro lado, que esse é o único uso possível do esporte, como aborda Juca Kfouri:

Foi num campo de futebol que se abriu, pela primeira vez, na História, uma faixa pela anistia aos presos políticos brasileiros; foi no Morumbi, com cem mil pessoas, num jogo entre Corinthians e Santos. E por que, num campo de futebol com cem mil pessoas? Porque não dava para a polícia chegar lá em cima, e prender todo mundo; quando a polícia chegou, a faixa já havia desaparecido. Foi num campo de futebol, no Estádio Nacional de Santiago, na primeira partida depois que o estádio foi liberado, após servir de prisão por dois anos e meio, no Estádio onde morreram patriotas chilenos e brasileiros, que houve um apagão, a primeira manifestação por

liberdade, durante a ditadura Pinochet. Quando as pessoas se deram conta, estava tudo apagado, e começou um canto: “libertad, libertad, libertad”. Havia sessenta mil pessoas no jogo entre o Universidad Católica e o Colocolo, e seria impossível colocar sessenta mil pessoas dentro de camburões (Kfouri, 2000, p. 61-62).

A ideia de relacionar o futebol ao conceito Marxista de “ópio do povo” é algo bem comum dentro do debate e da produção historiográfica sobre o esporte. Se na obra Marxista, o conceito surge para definir o papel da religião dentro da sociedade onde a mesma seria como uma forma de anestesiar o sofrimento do oprimido, nas palavras de Marx: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração do mundo sem coração e o espírito das condições sem espírito. Ela é o ópio do povo. (Marx, 1969)

Do outro lado, temos no futebol, como sugerem vários pensadores, a criação de um sentimento identitário, assim como a religião, dotado de seus próprios tiros e simbolismos. Para o historiador Eric Hobsbawm, por exemplo, o futebol vai de um passatempo para os trabalhadores em seu tempo livre, para uma espécie de “religião leiga” do proletariado de massa. O futebol rapidamente se torna, parafraseando Arrigo Sacchi, a mais importante coisa dentre as coisas menos importantes.

Nesse contexto, a ideia de associar o futebol à uma espécie de ópio do povo, surge da ideia de que, através do esporte, se criaria uma distração dentro das camadas populares, desviando a atenção de problemas estruturais mais importantes. E, naturalmente, em uma situação onde uma ditadura militar estava vigente dentro da sociedade brasileira e, a partir do momento em que o próprio regime se aproveitou da paixão nacional pelo futebol em sua propaganda política, essa questão se tornou um grande fator a ser pensado.

Importante veículo para a oposição à Ditadura Militar, o jornal *O Pasquim*, evidencia esse dilema através de sua linha editorial durante o período em que a Seleção Brasileira disputou e conquistou o título da Copa do Mundo de 1970 no México, o que marcou o auge do uso do futebol pelos militares em sua propaganda.

Notório por sua influência e pela oposição ao regime através do humor, o semanário carioca, em um primeiro momento, apresentou diversas críticas às mudanças impostas pelos militares dentro da seleção e da CBD. A troca de Saldanha pelo técnico Mário Zagallo desagradou muito os integrantes do *Pasquim*, que fizeram duras críticas no semanário. Sérgio Cabral, por exemplo, criticou a convocação de Roberto, atacante do Botafogo no lugar de Tostão: “Gosto tanto do futebol do atacante Roberto que gostaria muito de vê-lo jogando no Vasco da Gama. Mas daí a colocá-lo no lugar de

tostão, essa não, Zagalo. Tostão é um supercraque e Roberto é um bom atacante, esta é a diferença entre eles.”

Outra crítica, essa com conotação política, pode ser vista em um texto de Pedro Ferreti⁵, comentando sobre como a Copa do Mundo cegava o povo para problemas sociais mais importantes, trazendo à tona o dilema sobre o futebol como ópio do povo.

Olhem aqui, esse negócio de seleção já não está enchendo não? Por mim, já não aguento mais [...] afinal o jogo são 22 caras correndo atrás de uma bola. Conheço algumas coisas mais difíceis, mais importantes para o País e que, se vencidas, nos dariam algo mais do que uma taça e uma válvula de escape para uma massa popular mantida na mais absoluta ignorância das causas de miséria e atraso (O Pasquim 42 de 10 a 17/04/70, p. 30).

Em entrevista realizada com o jogador Tostão antes da Copa do Mundo, os jornalistas não temem entrar em questões políticas em suas perguntas. Podemos citar, por exemplo, esse diálogo entre o jornalista Tarso de Castro e o jogador:

TARSO – Você é um ídolo nacional. Você acha que um ídolo tem necessidade de participação política, já que ele empolga uma multidão toda [...] política no bom sentido, não essa besteira de UDN, política de participação na luta geral do homem, de liberdade, etc.

TOSTÃO – A pior coisa do ídolo é querer ser o que o povo é [...] acho que a pessoa que é ouvida tem medo de dizer as suas idéias porque se ele der uma idéia diferente vai de encontro ao povo e isso vai diminuí-lo.

Tarso – E você tem medo de dizer as suas idéias?

TOSTÃO – Às vezes tenho realmente. Todo mundo, todo ser tem as suas ideias e convicções próprias e às vezes o ídolo não pode dizer porque vai de encontro ao povo. [...] Ele precisa conservar sempre a imagem do ídolo popular.

TARSO – Eu, por exemplo, morro de medo de dizer que sou democrata, você entende? Se você tivesse que se definir politicamente, você acha que o homem tem o direito de dizer o que quer, defender o pensamento que ele acredita que seja certo em qualquer situação?

TOSTÃO – Eu acho que sim, mas infelizmente ainda não podemos agora dizer o que queremos porque estamos privados de muita coisa. Eu acho que isso é um direito de todo o homem, está escrito na constituição, isso é lei. (O Pasquim 4 de 03 a 05/05/70).

Durante o período que antecedeu o início do campeonato mundial, diversas críticas como essas aparecem nas edições do jornal. Contudo, a partir do momento em que a Seleção Brasileira começa sua campanha, é notória a mudança de tom em relação ao tema. A equipe do jornal, naturalmente, como apaixonados pelo esporte, se entregam as emoções causadas pela mais importante coisa dentre as coisas não importantes.

⁵ Pedro Ferreti era um pseudônimo que assinava diversos textos do jornal.

Ao fim da Copa do Mundo, assim como o resto do país, *O Pasquim* estava em festa. Um fato interessante é que, logo após a final, o jornalista Fausto Wolf escreve um texto intitulado ‘*Força (mas nem tanto) Itália*’, no qual relata o dia que recebeu Millôr Fernandes (também membro do *Pasquim*) em sua casa, em Roma, no dia da final, texto esse que recebe pós-escrito de Fernandes pedindo aos colaboradores do jornal e que criticaram Zagallo e a seleção se desculpassem publicamente:

PS: do Millôr Fernandes (O Millôr acha importante e desafia vocês a publicarem) – O mínimo que d’O PASQUIM pode fazer a partir deste momento é meter o galho dentro, numa autocrítica feroz, se não este jornal está ferrado. Batam no peito e digam mea culpa e começem a fazer revisão de todas as besteiras que vocês todos, ou quase todos, disseram sobre o técnico Zagalo. Eu não quis dizer nada porque não sou entendido, mas o que li de besteiras foi uma grandeza (*O Pasquim* número 53, de 25/06 a 01/07/70, p. 2).

No fim das contas, os jornalistas do semanário não saíram imunes do sentimento de pertencimento nacional proporcionado por uma conquista de Copa do Mundo, o que fica evidente no discurso do jornal após a conquista da seleção. E como bons apaixonados pelo futebol, poderíamos julgá-los?

Conclusão

Ao analisar o período, fica nítida a influência da política no futebol e vice-versa. Militares receberam cargos dentro da Confederação Brasileira de Desportos e na administração da seleção, a instituição, assim como suas conquistas desportivas, foi capitalizada pela propaganda estatal e o governo promoveu diversas interferências nos assuntos relacionados à seleção, demitindo técnicos, exigindo a convocação de jogadores e utilizando a confederação para expressar seu vieses ideológicos.

O futebol foi intensamente explorado pelo regime com o objetivo de ganhar a simpatia da população através de uma das principais formas de expressão cultural e social do país. Esse estudo de caso evidencia o poder mobilizador do futebol dentro de um cenário nacional, aqui marcado pela repressão e o autoritarismo.

Ao passo que o regime se apropria do esporte, a oposição se encontra em um dilema. Seria o futebol, aqui como uma importante representação da cultura de massas, uma forma de “ópio do povo”, aos moldes expostos por Karl Marx ao teorizar a religião (afinal, como defendido por Hobsbawm, o futebol seria o fenômeno social que mais se aproximaria de uma “religião leiga”), ou o esporte poderia (e deveria) ser utilizado pela oposição em sua luta pela democracia?

De uma forma ou de outra, os casos expostos neste artigo corroboram com o entendimento de que o futebol merece uma atenção dentro do estudo acadêmico, o encarando como um fenômeno mobilizador com sua autonomia própria, ao mesmo tempo que desempenha uma gigantesca influência que vai muito além das quatro linhas.

Referências bibliográficas:

- BATE BOLA MEMÓRIA FC #10 – **Futebol e Ditadura Militar**. Disponível em: <https://ludopedia.org.br/agenda-de-eventos/futebol-e-ditadura-militar/>.
- BRASIL. Presidente (1969-1974: EMILIO GARRASTAZU MÉDICI). “**Na praça do povo**”, discurso pronunciado no dia 25 de fevereiro de 1970, no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo, disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/03/view>.
- BRASIL. Presidente (1969-1974: EMILIO GARRASTAZU MÉDICI). “**O valor do homem brasileiro**”, mensagem do presidente Médici ao povo brasileiro quando da vitória da seleção no Campeonato Mundial de Futebol, disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/16/view>.
- DAMATTA, R. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-44, 2000.
- DAOLIO, J. **Cultura**: Educação Física e futebol. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- GOMES, Dias. **Campeões do mundo: mural dramático em dois painéis**. Civilização Brasileira, 1980.
- KFOURI, J. **O futebol entre palcos e bastidores**. In: CARRANO, P. C. R. (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Lamparina, 2014.
- MARCZAL, Ernesto Sobociński. **O "Caneco é nosso"**: futebol, política e imprensa entre 1969 e 1970. 2011.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. Editora Contexto, 2015.

NEGREIROS, Plínio José L. de C. Futebol e identidade nacional: o caso da Copa de 1938. **Anais do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, 1997.

GALLAS, D. “Ele escala o ministério, eu escalo a seleção”: o técnico do Brasil que peitou o presidente. Disponível em: <[https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2021/06/08/ele-escalao-a-selecao-o-tecnico-do-brasil-que-peitou-o-presidente.htm?cmpid=copiaecola](https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2021/06/08/ele-escala-o-ministerio-eu-escalao-a-selecao-o-tecnico-do-brasil-que-peitou-o-presidente.htm?cmpid=copiaecola)>. Acesso em: 24 jul. 2025.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70. 2006.

RODRIGUES, Juliana Lage, Carlos E. Sarmento. "A regra do jogo: uma história institucional da CBF." (2006).